

## APRESENTAÇÃO

### *Linguagem e Poesia – Uma interlocução com Heidegger*

Os textos aqui reunidos nesse número especial da *Revista Aufklärung* giram principalmente em torno da questão da linguagem e da poesia, sendo que boa parte deles procura refletir sobre essa questão a partir das considerações feitas por Martin Heidegger sob os mais diversificados pontos de vista, seja abordando os aspectos da relação entre pensamento e poesia, filosofia e literatura, seja abordando as complexas relações entre linguagem, conhecimento e sabedoria, linguagem e memória, linguagem e retórica, linguagem, escuta e silêncio, linguagem como acontecimento do ser e da verdade. Os textos também procuram mostrar os modos de interpretação e apropriação feitas por Heidegger do pensamento grego, particularmente do pensamento de Aristóteles, e também da poesia de Hölderlin.

Heidegger e os gregos, Heidegger e os poetas, ou ainda Heidegger e a tradição filosófica: O modo como Heidegger se apropria dos gregos, dos poetas e da tradição filosófica há tempos vem suscitando polêmicas, incitando debates acalorados e algumas vezes enraivecidos, que procuram apontar para possíveis deturpações, deformações e erros de interpretação feitos pelo pensador alemão. Mas tudo isso, na verdade, envolve uma confusão acerca do que é interpretação, pois é preciso ver que não é o indivíduo, o sujeito Heidegger quem interpreta. A interpretação não é um produto do seu livre arbítrio, da sua maneira de ver pessoal, da sua subjetividade, sendo por isso arbitrária, falaciosa. A interpretação é um acontecimento, um modo de trazer para a linguagem, de tornar visível o que ainda não possui visibilidade, e por isso é um acontecimento do ser, da vida.

Heidegger, por isso, é um marco histórico, como ponto de demarcação de um horizonte em que se tornam visíveis de maneira totalmente incomum toda uma tradição de pensamento e de poesia. Apropriar-se de um passado, para ele, “significa saber-se em débito ante esse passado” (HEIDEGGER, Martin. *Platão: O sofista*, p. 11)”, pois o

passado não é um conjunto de fatos que precisamos nos informar a respeito para assim os conhecer; o passado é a experiência que fazemos de como as coisas se acham para nós e, assim, é a experiência do que devemos ser.

Sendo assim, é também a experiência do nosso presente e do nosso futuro. Os textos aqui apresentados se propõem, a partir das veredas já abertas por Heidegger, a atravessar o grande sertão em que se abrigam as questões acerca da linguagem e da poesia, procurando estabelecer uma relação criadora com o já pensado por Heidegger em torno delas. O único texto que não faz uma interlocução direta e explícita com o pensamento de Heidegger é o texto da professora Izabela Bocayuva, *A admirável boa natureza de Teeteto*. No entanto, ele estabelece uma interessante reflexão sobre a relação da linguagem com a *sophia*, mostrando a partir de Platão a tese de que há na *sophia* algo de silenciado e que jamais poderá se tornar discurso, que também será uma tese defendida por Aristóteles ao falar do *nous*, dizendo que o *nous* (pensamento) na alma humana não é um *noein* puro, porque a alma humana é determinada pelo *logos* (discurso), que transforma o *noein* (pensar) em *dianoein* (pensar discursivo), conforme desenvolve Heidegger em *Platão: O sofista*.

Os textos, de um modo geral, procuram utilizar o pensamento de Heidegger não como um monumento rígido do passado a ser apropriado como fonte apenas de maneira erudita, mas sim como um manancial de onde brotam possibilidades originárias de questionamento. Esse é o intuito, acredito, que se encontra presente nos textos desse número especial da *Revista Aufklärung* que procuram dialogar com Heidegger. E visando uma exposição de conjunto dos textos, faço abaixo uma breve apresentação de cada um deles.

O texto de Affonso Henrique Vieira da Costa, intitulado **Discussão acerca da arte e da linguagem a partir de Cartas a um jovem poeta, de Rainer Maria Rilke**, apresenta-se como uma reflexão sobre o processo da criação poética, levando em conta tanto as posições apresentadas por Rilke em sua correspondência com o jovem pretendente a poeta Kappus — que envolvem a relação do homem com o seu trabalho e com a tarefa realizadora do seu ser — como também as interpretações heideggerianas que se encontram presentes em seu livro *A caminho da linguagem*, mostrando que o caminho da criação poética, como experiência de dor e solidão, conforme ensina Rilke e Heidegger, é o caminho apropriante da linguagem.

O texto de Carlos Alberto Guimarães, **A morada do ser: Uma reflexão acerca da essência da linguagem a partir do pensamento de Heidegger**, faz uma análise da sentença de Heidegger “*A linguagem é a casa do ser*”, presente em sua obra *Carta sobre o humanismo*, procurando mostrar de que modo ser e linguagem originariamente se relacionam, em sua identidade e diferença e dando destaque, além disso, para o perigo do distanciamento do homem dessa morada junto ao ser, que provoca o seu desenraizamento. E tudo isso recheado com um espírito mineiro, em que atua uma confiança desconfiada, um ver enviesado através do chapado e do óbvio.

Fernando Mendes Pessoa, em seu texto **Da linguagem, poesia e pensamento**, aborda a poesia como o modo mais original de linguagem, capaz de restituir o sentido

próprio das palavras encoberto pelo seu uso público e cotidiano. O texto faz uma incursão pela compreensão corrente de linguagem para apontar as suas limitações, mas tendo, contudo, o mérito de ressaltar que a possibilidade originária da linguagem só pode ocorrer se for possível extrair do cotidiano a sua riqueza, restituindo desse modo à fala cotidiana o extraordinário que nela sempre opera e vigora, mostrando para tanto que na poesia a linguagem fala, isto é, torna visível no ordinário o extraordinário.

A interpretação heideggeriana de Aristóteles, apresentada por Francisco José Dias de Moraes em seu texto **Heidegger leitor de Aristóteles: a questão do ser**, mostra de que modo o Aristóteles de Heidegger, em contraste com o Aristóteles escolástico-tomista, é um Aristóteles “mundano”, que teria desenvolvido principalmente na *Retórica* e na *Ética a Nicômaco* importantes estudos sobre a contingência e a dimensão afetiva da existência humana. A partir dessas duas obras, o autor mostra que Heidegger retomará o estudo da *Metafísica* e da sua questão fundamental, o ser, e também da *Física* e de sua questão, o ser em movimento, estabelecendo a partir desses estudos a questão fundamental do ser em bases existenciais, que ele irá denominar de “hermenêutica da facticidade” e posteriormente de “analítica existencial”.

Em **Escuta, silêncio e linguagem**, Gilvan Fogel aborda a questão da linguagem a partir da relação com a escuta e o silêncio, mostrando que falar é ao mesmo tempo um ouvir, ou melhor, é, antes, um ouvir, e que a escuta, por seu lado, não se constitui sem silêncio. Ouvir ou escutar fala de uma entrega, um pertencimento, o que implica estar aberto e vulnerável ao escutado, à própria coisa, que é o *sentido*, o *logos*, o ser como o que aparece e se mostra. A linguagem acontece como o recolher-se do homem na escuta, que através desse recolher-se salta para dentro da vida, entrando no seu elemento. O silêncio, por sua vez, não é falta, privação. O texto mostra que o silêncio é a concentração, a entrega a uma tarefa, a um destino, sendo, por isso, o contrário da dispersão. Sendo coisa de solidão e tarefa própria, o silêncio é sempre o meu silêncio, a minha escuta, a minha linguagem. Mas a linguagem é, sobretudo, o que me transcende, e porque me transcende eu posso vir a dela participar e pertencer, reconquistando-a como o que se retrai em tudo o que ela me permite dizer e falar. A linguagem, desse modo, é a fala do retraído no dito.

Glória Maria Ferreira Ribeiro, em **Morte e linguagem no conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”**, investiga o fenômeno da morte e sua relação com a palavra poética, como palavra criadora de mundo, no conto “A Hora e a Vez de Augusto Matraga”, de João Guimarães Rosa, seguindo o fio condutor dos escritos de Heidegger sobre a linguagem dos anos 1950-1958. O texto trabalha com a questão da morte do personagem Augusto Matraga, que acontece quando ele perde todas as convicções e referências do seu antigo mundo e se vê acossado pelo nada, em um estado de absoluto recolhimento, de radical concentração. Conforme mostra o texto, a sua morte é a sua abertura para aquilo que ele pode ser, como o tempo de maturação de sua existência, através do qual se tornam visíveis para ele um mundo e uma linguagem própria.

Em **A admirável boa natureza de Teeteto**, Izabela Bocayuva investiga, além da formulação da hipótese da ideia no diálogo *Teeteto* de Platão, as várias experiências de

saber, partindo da *aísthēsis* (sensação), passando pela *dóxa* (opinião), pela *epistēmē*, até a *sophía* (sabedoria), enquanto níveis diferentes do acontecimento da verdade. O texto pretende explicitar a aparição da *sophía* no diálogo Teeteto, procurando distingui-la da *epistēmē*. No estabelecimento dessa distinção, o texto evidencia que a *sophía*, assim como a *epistēmē*, trata dos primeiros princípios, mas mostra que há na *sophía* algo de silenciado e que jamais poderá se tornar discurso.

Em **Linguagem e memória em Hölderlin e Heidegger**, Robson Costa Cordeiro procura refletir sobre a relação entre linguagem e memória, tomando como fio condutor a interpretação feita por Heidegger do poema *Andenken (Memória)* de Hölderlin. O texto procura apontar para a relação originária entre linguagem e memória como uma relação de tensão vital, através da qual a linguagem aparece como a memória arcaica do a se pensar, do ser que se encontra retraído em todo o já pensado. Para Hölderlin os poetas fundam o que permanece, como tensão, na saudação, entre o que saúda e o saudado, e para Heidegger poetar é memória e memória é fundação, como instauração do ser na linguagem.

Por fim, a revista traz ainda o texto de Jesús Adrián Escudero, **Heidegger, leitor da retórica aristotélica**, que ele gentilmente autorizou traduzir para o português. O texto analisa a interpretação heideggeriana da retórica aristotélica que se encontra presente em suas lições de 1924, *Conceitos fundamentais da filosofia aristotélica*, e procura refletir sobre a sua posterior repercussão nas análises do impessoal e do falatório em *Ser e tempo*, trazendo uma vasta indicação de fontes e de comentários sobre o tema. Faz ainda uma interessante análise sobre a *doxa* aristotélica, estabelecendo uma homologia com o conceito heideggeriano de *Gerede* e desdobra a afirmação feita por Heidegger em *Ser e tempo* de que “a *Retórica* de Aristóteles deve ser concebida como a primeira hermenêutica sistemática da cotidianidade do conviver.”

Por fim, gostaria de agradecer a colaboração dos autores e do editor da Revista, o Professor Bartolomeu Leite da Silva, que prontamente concordou com a ideia de lançamento desse número especial, e espero que no futuro possamos editar novos números temáticos.

Rio de Janeiro, setembro de 2017.

Dr. Robson Costa Cordeiro  
*Organizador*

## **ARTIGOS**

